Leon Tolstoi

O primeiro passo

I

Em todos os atos de sua vida o homem deve empregar certo método, sem o qual, os fins que persegue não podem ser alcançados. Assim deve ser feito, quer se trate de coisas materiais ou espirituais. Tão impossível será ao padeiro fazer pão se não amassou a farinha e aqueceu o forno, como não poderá o homem que aspire a uma vida moral realizar seu sonho, se não conseguiu previamente adquirir as diversas qualidades cujo conjunto faz que se diga que as possui: "É um homem de uma vida moral inatacável." Será preciso ademais que, para adquirir estas qualidades, siga uma marcha lógica e ordenada; que comece pelas virtudes fundamentais, e que suba uma atrás da outra as etapas que hão de levar-lhe ao fim que anseia.

Em todas as doutrinas morais, existe uma escala que, como disse a sabedoria chinesa, vai da terra ao céu e cuja ascensão não pode realizar-se de outro modo que começando pela primeira etapa. Prescrevem a mesma regra os brâmanes, os budistas e os partidários de Confúcio; encontra-se também nas doutrinas dos sábios da Grécia.

Todos os moralistas, tanto os deístas como os materialistas, reconhecem a necessidade de uma sucessão definitiva e melódica na assimilação das virtudes sem as quais não há vida moral possível. Esta necessidade se desprende da mesma essência das coisas, e parece, portanto que todos deveriam aceitá-la. Mas coisa estranha! desde que o cristianismo se converteu em sinônimo de Igreja, a consciência desta necessidade tende a apagar-se e só a conservam os ascetas e os frades.

Entre os cristãos laicos, se admite que um homem possa possuir virtudes superiores sem haver começado por adquirir aquelas que, normalmente, deveriam haver sido conquistadas em primeiro lugar: alguns vão mais longe ainda, e pretendem que a existência de vícios determinados de um indivíduo não o impedem de possuir ao mesmo tempo virtudes elevadas.

Resultou disto que hoje, entre os laicos, a noção da vida moral está, se não perdida, muito atrapalhada pelo menos.

II

Isto ocorreu, a meu juízo, do seguinte modo:

O cristianismo, substituindo o paganismo, colocou, a princípio, uma moral mais exigente; mas esta moral, como a do paganismo, só poderia conseguir-se depois de haver percorrido todos os graus da escala das virtudes.

Segundo Platão, a abstinência era a primeira qualidade que importava adquirir. Vinha depois o valor, a sabedoria e a justiça, a qual, segundo sua doutrina era a mais alta virtude que pode um homem possuir. A doutrina de Jesus Cristo ensinava outra progressão: o sacrifício, a fidelidade à vontade divina, e, acima de tudo, o amor.

Os homens que se converteram seriamente ao cristianismo, e que trataram de levar uma vida moral cristã, começaram contudo por adotar o primeiro princípio da doutrina pagã, abstendo-se do supérfluo.

Não se creia que o cristianismo se apropriava em tal caso do que o paganismo havia pregado antes que ele. Não se me diga que rebaixou o cristianismo, equiparando sua alta doutrina ao baixo nível da pagã. Seria injusto; reconheço que a doutrina cristã é a mais alta que existe e não a comparo ao paganismo.

Precisamente porque a doutrina cristã é superior a dos pagãos a suplantou; mas não por isso há que deixar de reconhecer que uma e outra encaminham o homem para a verdade e o bem, e como ambas as coisas são imutáveis no fundo, o caminho que a elas conduz deve ser único. Eis aqui por que os primeiros passos que se dão em tal caminho devem ser forçosamente iguais, trate-se de cristãos ou pagãos. Qual é, pois, a diferença entre ambas as doutrinas? É que, ao contrário da doutrina pagã, que por sua própria natureza é limitada, a cristã tem uma tendência contínua para a perfeição.

Platão, por exemplo, estabeleceu como modela de perfeição a justiça; e Jesus Cristo escolheu a perfeição indefinida: o amor. "Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai celestial."

Nisto consiste a diferença. E portanto, as diferentes relações dos ensinamentos dos pagãos e cristãos para os diferentes graus da virtude.

Segundo o paganismo, antes de conseguir-se a virtude mais alta, os graus intermediários que se alcançam têm uma importância relativa: quanto mais altos são, maior soma de virtude precisam. Resulta disso que, do ponto de vista pagão, se pode ser mais ou menos virtuoso ou mais ou menos vicioso.

Segundo a doutrina cristã, se é ou não virtuoso. Pode-se ser virtuoso com mais ou menos rapidez, mas ninguém se reputa como tal até que haja cumprido sucessivamente todos os requisitos necessários para isso.

Vou explicar-me. Para os pagãos, o homem prudente é virtuoso; mas aquele que à prudência acrescenta o valor, o é mais que o outro, e se a estas duas qualidades se acrescenta

o sentimento da justiça, se alcança a perfeição. O cristão, pelo contrário, não pode ser superior nem inferior a outro moralmente, mas é tanto mais Cristão, quanto mais rapidamente anda pelo caminho da perfeição, seja qual for o grau em que se encontre num momento dado; de modo que a virtude estacionária de um fariseu é menos cristã que a do ladrão, cuja alma se encontra em pleno movimento para o ideal e que se arrepende na cruz.

Tal é a diferença entre ambas as doutrinas. O paganismo considera a abstinência como uma virtude, quando o cristianismo não a admite mais que como um meio de encaminhar-se ao sacrifício, condição primeira de uma vida moral.

Entretanto, nem todos os homens consideram a doutrina de Jesus Cristo como uma tendência contínua à perfeição; a maioria a compreendeu como uma doutrina redentora; a redenção do pecado pela graça divina, transmitida pela Igreja, entre católicos e ortodoxos, e a crença na redenção entre os protestantes e calvinistas. Esta doutrina fez desaparecer a sinceridade e a seriedade da atitude dos homens a respeito da moral cristã. Os representantes destes organismos poderão pregar interminavelmente que tais meios de salvação não impedem ao homem aspirar a uma vida moral, mas, pelo contrário a isso o induzem; mas certas situações engendram por si mesmas certas conclusões, e nenhum argumento poderá impedir que os homens a aceitem.

Eis aqui por que o homem que está imbuído nesta crença de redenção não terá energia suficiente para assegurar sua salvação por meio de seus próprios esforços: achará muito mais simples aceitar o dogma que lhe foi ensinado, e esperar que a graça divina lhe perdoe as faltas que pode cometer.

Isso é o que ocorreu à maioria dos adeptos do cristianismo.

III

Tal é a causa principal do relaxamento dos costumes. Para que conformar-se com certos hábitos? Para que privar-se de tal ou qual coisa, já que o resultado há de ser o mesmo? Para que deixar costumes agradáveis, já que a recompensa há de vir de todos os modos?

Recentemente publicou o Papa uma encíclica sobre o socialismo. Neste documento, o chefe da Igreja, depois de uma pretendida refutação da doutrina socialista sobre a ilegitimidade da propriedade, disse expressamente que “ninguém tem a obrigação de socorrer o próximo se não tem mais que o necessário para si ou sua família, se, ou para fazê-lo, há de diminuir em algo aquilo que exigem as conveniências mundanas. Ninguém, de fato, deve viver prescindindo de tais conveniências”. (Isso é retirado de São Tomás: *Nullus enim inconveniénter débet vívere*.) “Mas depois de haver satisfeito as necessidades e as conveniências exteriores – diz ao fim da encíclica -, é dever de todos dar o supérfluo aos pobres.”

Assim prega o chefe da Igreja mais difundida hoje em dia; assim pregavam os Padres da Igreja, que criam insuficiente a salvação por meio da ação.

Junto à pregação, desta doutrina egoísta, que prescreve dar ao próximo aquilo que não nos é necessário, prega-se o amor a esse mesmo próximo, e sempre se citam com ênfase as célebre palavras pronunciadas por Paulo no capítulo XIII de sua primeira Epístola aos coríntios.

Embora a doutrina do evangelho esteja cheia de chamamentos à abnegação, e afirme que esta virtude é a primeira das condições para alcançar a perfeição cristã; embora se diga que “quem não tomar sua cruz, quem não renegar seu pai e sua mãe, quem não arriscar sua vida...”, estes homens persuadem os demais de que não é necessário, para amar o próximo, sacrificar aquilo a que se está acostumado, e que basta dar o que se julgue conveniente.

Assim falam os Padres da Igreja, e portanto, aqueles que rechaçam a doutrina da Igreja (em todo o que se refere a manifestações exteriores de culto) pensam, falam e escrevem de igual maneira que os livres-pensadores. Estes homens creem e fazem crer aos outros que, sem necessidade de refrear suas paixões, se pode servir à humanidade e levar uma conduta moral.

Os homens, depois de rechaçar as práticas pagãs, não souberam assimilar a verdadeira doutrina cristã; não admitiram a marcha progressiva no caminho da virtude, e permaneceram estacionários.

IV

Em outro tempo, antes da aparição do cristianismo, todos os grandes filósofos, começando por Sócrates, creram que a primeira das virtudes que deviam adquirir-se era a abstinência, e que querer adquirir outra sem possuir esta era impossível.

É evidente, de fato, que o homem que não sabe conter-se é presa fácil para todos os vícios, e não pode levar uma vida moral. Antes de pensar na generosidade, no amor, no desinteresse, na justiça, é necessário que o homem aprenda a dominar-se e que seja bastante forte para vencer seus apetites.

Tal como hoje se enxerga, tudo isso é inútil; temos a convicção de que o homem pode levar uma existência completamente moral, e, no entanto, deixar-se arrastar por sua paixão pelo luxo e pelos prazeres.

Parece que, seja qual for o ponto de vista – utilitário, pagão ou cristão – em que alguém se coloque, o homem que explora por seus próprio gosto o trabalho, e frequentemente o trabalho mais penoso dos demais, age mal, e que este é o primeiro costume que deve rejeitar, se aspira a levar a existência própria de um homem honrado.

Do ponto de vista utilitário, é uma má ação, pois, obrigando os demais a trabalhar para ele, se encontra sempre o homem em uma situação deplorável: se acostuma a satisfazer suas paixões, e se converte em seu escravo, já que as pessoas que trabalham para ele o fazem com inveja e descontento, e só esperam uma ocasião favorável para livrar-se dessa necessidade.

Por conseguinte, o homem se encontra sempre exposto a manter-se com costumes arraigados, que num momento dado talvez não poderá satisfazer.

Do ponto de vista da justiça, é também uma má ação, porque é mal aproveitar para seu prazer o trabalho de indivíduos que, por esta única condição, não podem dispor a centésima parte das alegrias que contribuem a assegurar ao que os empregam.

Do ponto de vista do amor cristão, parece supérfluo demonstrar que o homem que realmente ama seu próximo, longe de servir-se do trabalho alheio, deve dar, pelo contrário, uma parte de sua atividade para contribuir ao bem-estar dos demais.

Estas exigências do interesse, da justiça e do amor, as desenha por completo nossa sociedade. Segundo a doutrina dominante hoje em dia, o aumento dos benefícios considera-se como coisa desejável, como um indício de desenvolvimento intelectual, de civilização e de perfeição.

Os homens que são chamados de instruídos estimam que estes costumem de luxo, que esta tendência ao refinamento são indícios certos de uma superioridade moral que faz limite com a virtude. Quanto mais necessidades têm, mais refinados são e mais valem.

A poesia descritiva e as novelas do último e penúltimo século corroboram o que dizemos. Como se pinta os heróis e heroínas que representam o ideal da virtude? Na maioria

dos casos, os homens que devem representar algo nobre e elevado, desde Childe-Harold até os últimos heróis de Félier, Trolop e Maupassant, são parasitas que devoram com seu luxo o trabalho de milhares de homens, enquanto que nenhum deles é útil para nada nem a ninguém.

Quanto às heroínas, não são mais que cortesãs que proporcionam mais ou menos prazer aos homens, e que desperdiçam o trabalho alheio em proveito de seu luxo.

Recordo que, quando escrevia novelas, passava uma dificuldade quase insuperável; contra ela lutei e lutam ainda hoje quantos novelistas tenham consciência do que é a beleza moral verdadeira; esta dificuldade consiste em descobrir o tipo de homem do grande mundo idealmente bom e belo, e ao mesmo tempo conforme à realidade.

A descrição do homem e da mulher do grande mundo não será verdadeira senão quando o personagem se apresentar no meio ambiente que lhe é próprio; a saber, no luxo e na ociosidade.

Do ponto de vista moral, esse personagem resulta pouco simpático, mas há que apresentá-lo de modo que o seja. Isso é o que os novelistas tratam de fazer, como eu tratei de fazê-lo igualmente. Para que tanto trabalho? Os leitores habituais dessas novelas, não têm quase sempre um nível moral parecido ao do herói que se lhes descreve? Não têm também as mesmas inclinações e iguais costumes? Para que então tantos cuidados para fazer-lhes simpáticos os Childe-Harold, os Onegin, os de Camors, posto que já se acham inclinados a considerá-los como perfeitos?

V

Prova irrefutável de que os homens de hoje em dia não consideram a abstinência pagã e a abnegação cristã como qualidades desejáveis e boas, é a educação que se dá às crianças: em vez de procurar fazê-las fortes e valentes, se os acostuma à ociosidade.

Faz muito tempo que pensei escrever o conto seguinte:

Uma mulher, ofendida por outra, e desejando vingar-se dela, lhe rouba seu único filho. Vai a casa de um feiticeiro e lhe pergunta como poderá vingar-se mais cruelmente de sua inimiga por meio de seu filho. O feiticeiro lhe aconselha que leve a criança a um ponto que lhe indica e lhe promete uma terrível vingança. A mulher má segue o conselho, mas não perde de vista a criança; depois, com grande surpresa, percebe que foi recolhido por um homem sem herdeiros. Volta à casa do feiticeiro e lhe cobre de censuras; ele lhe contesta que não chegou ainda a hora, e que tem que esperar. No entanto, o menino cresce entre o luxo e a abundância; a mulher má está estupefata, mas o feiticeiro lhe aconselha que espere. De fato, chega um momento em que sua vingança resulta tão terrível, que a mulher má acaba por ter compaixão da sua vítima. O menino, que cresceu entre riquezas, se arruína, e então começa para ele uma série de privações e de sofrimentos físicos contra os quais não pode lutar, e que tem de suportar com tristeza indizível. Por um lado, nobres aspirações o conduzem a levar uma vida regular, e por outro, sente a impotência de sua carne debilitada pelo luxo e pela ociosidade.

É uma luta sem esperança, uma queda contínua, cada dia mais profunda; logo a embriaguez como meio de esquecimento, e por fim, o crime, a loucura ou o suicídio.

É verdade que a educação de algumas crianças de nossa época inspira terror. Tão só os mais implacáveis inimigos dessas crianças poderiam tomar-se tanto trabalho, para inculcar-lhes a imbecilidade e os vícios que devem a seus pais, e muito especialmente a suas mães; e aumenta o horror, quando vemos os resultados que esta educação produz e os estragos que faz na alma das crianças, tão cuidadosamente corrompida por seus pais. Inculcam-lhes costumes refinados; não lhes ensinam a dominar suas inclinações. Sucede então que o homem, longe de sentir-se atraído pelo trabalho e de sentir amor por sua obra, tendo consciência do que fez, se acostuma pelo contrário à ociosidade, aos desprezo de Toto trabalho produtivo e ao desperdício.

Perde a virtude da primeira noção que deve adquirir-se antes de outra: a prudência; e entra na existência onde se prega e parecem ser apreciadas as altas virtudes da justiça, do amor e da caridade. Feliz ainda se é moço, de uma natureza débil moralmente, se não sabe discernir a moralidade nas aparências da moralidade, se pode contentar-se com a mentira, que é lei da sociedade inteira. Se assim sucede, tudo vai bem, e o homem que tem o sentido moral adormecido pode viver feliz até seu último dia.

Mas nem sempre ocorre assim, sobretudo nestes últimos tempos, quando a consciência da imoralidade de tal existência vibra no ar, e fere apesar de tudo no coração. Sucede que, cada vez mais frequentemente, aparecem os princípios da verdadeira moral, e

começa então uma penosa luta interior, um sofrimento que rara vez acaba com vantagem para a moral.

Compreende o homem que sua vida é má, que deveria mudá-la totalmente, e trata de fazê-lo; mas então os que suportaram já igual luta, sucumbindo a ela, se lançam de todas as partes sobre o que tratava de cambiar sua existência e se esforçam em persuadi-lo da inutilidade de sua luta, procuram provar-lhe que a continência e a abnegação não são necessárias para ser bom, e que pode ser um homem útil e reto, apesar de entregar-se à gula, ao luxo, à ociosidade e até à luxúria. Esta luta tem, por regra geral, um fim lamentável, quer o homem se submeta à opinião geral, e cesse de escutar a voz de sua consciência e recurra a subterfúgios para justificar-se, quer lute, sofra, enlouqueça ou se suicide. É raro que, entre todas as tentações que o rodeiam, um homem de nossa sociedade compreenda que existe e que existiu durante milhares de anos uma verdade primitiva para todos os homens prudentes; que, para chegar a uma existência moral, é preciso, antes de tudo, deixar de ter má conduta, e que, para alcançar uma alta virtude, é necessários adquirir a da abstinência e da possessão de si mesmo, como pensavam os pagãos, ou a virtude da abnegação, como prescreve o cristianismo.

VI

Acabo de ler as cartas de nosso muito erudito senhor Ogarev, o exilado, a outro erudito, o senhor Herzen. Nelas, o senhor Ogarev expressa seus pensamentos íntimos, suas tendências mais elevadas, e em seguida se avisa que finge algo. Fala da perfeição, da amizade saudável, do amor, do culto da ciência, da humanidade... E pouco depois, em igual tom, escreve que às vezes irrita a um amigo seu em cuja casa vive, porque “volto às vezes embriagado ou porque passo longas horas com um ser caído, mas encantador”...

Simpático, de grande talento, de grande erudição, este bom senhor não imagina que comete uma falta – estando casado e esperando a cada instante o parto de sua mulher -, pelo simples fato de embriagar-se e de passar o tempo em companhia de uma prostituta. Não lhe passou sequer pela imaginação que enquanto não houver começado a lutar e dominado em parte, quando menos, suas tendências à embriaguez e à luxúria, não terá direito a pensar na amizade, no amor, nem muito menos em um culto qualquer.

Não somente não luta contra tais vícios, mas os anseia como algo encantador e que não o impedem, nem muito menos, sua tendência à perfeição; e longe de ocultá-los a seu amigo, ante quem deseja parecer sob seu melhor aspecto, vangloria-se deles.

Assim se fazia faz cinquenta anos. Conheci ainda esses homens, conheci Ogarev e Herzen e a muitos que lhes são parecidos, educados todos de igual modo. Em todos eles se notava uma ausência absoluta de método e de perseverança; mostravam um desejo ardente de perfeição, e em troca se entregavam à libertinagem mais desenfreada. Criam, no entanto, que isso não lhes impedia de levar uma existência moral, e que podiam realizar, apesar de tudo, ações boas e até grandes.

Colocavam em um forno frio farinha sem amassar, e criam que o pão assaria. E quando em seus últimos dias perceberam que o pão não assava, que sua existência não teve nenhum resultado útil, lhes pareceu aquilo o golpe terrível do destino.

Tal destino é terrível, de fato. Esta situação trágica dos Herzen, Ogarev e outros fere ainda hoje em dia a grande número de homens, que se creem instruídos e que conservaram iguais opiniões. O homem tende a ter bons costumes; mas a regularidade necessária para tanto não existe na sociedade atual. Como os Ogarev e Herzen, de cinquenta anos atrás, a maioria dos homens atuais creem que uma vida refinada, uma alimentação abundante, os prazeres e a luxúria não o impedem de levar uma existência moral. Mas é provável que não atinjam seu objetivo, já que se sentem no máximo pessimistas e dizem: “É uma situação trágica a do homem”.

O surpreendente é que esses homens saibam que a distribuição dos prazeres entre os homens é desigual, que considerem essa desigualdade como um mal, que queiram remediá-lo, e que, no entanto, não cessem de tender ao aumento desses prazeres.

Agindo assim, esses homens se parecem a pessoas que, entrando em um pomar, se apressam a colher toda a fruta que está ao alcance de sua mão, apesar do que desejam

estabelecer uma repartição mais equitativa dela, no entanto, continuam apoderando-se de quanto podem.

VII

O erro de que falamos é tão incompreensível, que estou certo de que as gerações vindouras não compreenderão o que os homens de nossa época entendiam por “vida moral”, ao afirmar que o comilão, o degenerado, o libertino, o ocioso das classes ricas levavam uma vida moral.

De fato, bastaria abandonar a maneira habitual de considerar a vida que levam as classes ricas, e observá-la, não do ponto de vista cristão, mas pagão, ou do ponto de vista da justiça mais Elemental, para convencer-se de que ante esta violação das leis mais simples e primitivas da justiça, leis que as crianças mesmo não se atreveriam a violar em seus jogos, e entre as quais vivemos, não pode pensar-se numa existência moral. Quantas vezes nos servimos, para justificar nossa má conduta, da afirmação que quer que um ato contraposto aos costumes da vida habitual não é natural, mas que indica o desejo de exibir-se, e é portanto uma má ação! Esta argumentação parece inventada para que os homens não abandonem jamais sua má conduta. Se nossa vida fosse sempre justa, toda ação conforme a tal vida seria forçosamente justa, e se nossa vida não é senão medianamente boa, há outras tantas probabilidades para que toda ação que não está conforme com o parecer geral seja boa ou má; se, enfim, nossa vida é má, como a das classes diretoras, é impossível fazer uma boa ação sem comprometer a marcha regular de nossa vida.

A moralidade desta, segundo a doutrina pagã e até a cristã, não pode definir-se mais que pela relação, no sentido matemático, do amor a si com o amor ao próximo. Quanto menos amor se sente por si mesmo, menos cuidados e trabalhos se exige dos outros, e quanto mais amor se sente pelo próximo, mais se trabalho a favor deles e mais moral é a vida.

Assim entendiam e entendem a boa vida todos os sábios da humanidade e todos os verdadeiros cristãos; igual a compreendem todas as pessoas simples. Quanto mais o homem dá ao próximo, e menos exige para si, mais perto está da perfeição. Quanto menos dá aos outros, e mais exige para sim, mais se afasta da perfeição.

Se você mudar o ponto de apoio de uma alavanca aproximando-o ao braço mais curto, a consequência disso, não só o braço mais largo será mais largo ainda, mas o braço curto será também mais curto. De igual modo, se o homem, tendo certa faculdade de amar, aumenta o amor a si mesmo e os cuidados egoístas, diminui em consequência disso a possibilidade do amor e dos cuidados que deve dedicar aos outros, não apenas na quantidade de amor que acumula sobre si mesmo, mas em proporções muito maiores. Em vez de dar de comer aos outros, o homem come esse excesso, e por conseguinte, não só diminui a possibilidade de das esse excesso, mas, estando farto, se priva da possibilidade de pensar nos demais.

Para ser capaz de amar aos outros, não há que amar-se a si mesmo de um modo exclusivo. Mas, por regra geral, pensamos que amamos os demais, e na realidade só os amamos de palavra, não de fato. Esqueceremo-nos de dar comida e teto aos demais; não nos

esqueceremos de nós mesmos. E eis aqui por que, para amar realmente aos outros, há que aprender a esquecer de comer e de dormir, como fazemos com os demais.

Dizemos: "Um bom homem", e "leva uma conduta moral", de um homem refinado, acostumado ao luxo. Um homem assim pode ser bom, mas não levar uma conduta moral, como uma faca da melhor têmpera não pode cortar se não está afiada. Ser bom e ter bons costumes quer dizer: dar aos outros mais do que recebe. O homem acostumado ao luxo não pode fazê-lo, primeiro porque suas necessidades não o permitem, e depois, porque consumindo quanto os outros lhe dão, se debilita e fica inútil para todo trabalho.

O ser humano (homem ou mulher) dorme em uma cama com colchão de molas, dois colchões de lã, dois lençóis, fronhas, almofadas macias; junto à cama tem um tapete para proteger seus pés contra o frio, ainda quando usa pantufas, e na mesa de cabeceira os acessórios necessários para que não tenha que ir mais longe; pode satisfazer sem mover-se todas suas necessidades; tudo isso não basta... As janelas estão protegidas por cortinas, a fim de que a luz não lhe impeça de dormir, e dorme até a saciedade.

Tudo foi previsto para que no inverno tenha calor, ou frescor no verão, e para que não lhe molestem o ruído, as moscas e outros insetos; dorme, e ao despertar, encontra água quente e fria para o banho e para barbear-se. Preparam-lhe chá ou café, bebidas excitantes que toma assim que se levanta; as botas altas, as botinas, os sapatos de borracha que sujou na véspera, estão já limpos e reluzem como cristal, sem um grão de pó. Limpam-lhe também os trajes que usou na véspera, dos quais tem coleção completa, não só os de inverno e verão, mas para primavera e outono, para os dias chuvosos, muito quentes ou úmidos, etc. Preparam-lhe roupa branca recém-lavada, engomada, passada, com botões e botoeiras que revistam uns criados que se dedicam exclusivamente a isso. Se o homem é ativo, se levanta cedo, a saber, às sete da manhã, para sempre duas ou três horas depois que os que tiveram que preparar tudo para ele. Para além das preparações, dos trajes para o dia e das mantas e colchas para a noite, há ainda a bata e as pantufas para quando se levanta. Quando se lava, se limpa e se penteia, emprega para isso infinidades de escovas, sabões e água em abundância (muito ingleses, e as mulheres sobretudo, se mostra orgulhosos, não sei por quê, de empregar muito sabão e usar muita água). Depois, o homem se veste, se penteia diante de um espelho especial, além dos que há em quase todas as habitações. Toma quanto necessita: óculos, um lenço para assoar-se, um relógio com corrente, ainda quando onde quer que vá encontrará relógios; se provê de toda classe de dinheiro, de cobre, de ouro, de bilhetes de Llanca, de cartões impressos com seu nome – o qual lhe dispensa o trabalho de escrevê-lo – Le um livreto de memórias, de um lápis, etc.

Quanto à mulher, tudo resulta mais complicado ainda: espartilhos, cabelo, jóias, fitas, laços, garfos, pinos, borla..., etc.

Quando se acabam os cuidados da penteadeira, começa o dia, pela regra geral, comendo: toda café ou chá com grande quantidade de açúcar, come bolos, pão de primeira qualidade com manteiga, e às vezes, presunto. Os homens, em sua maioria, fumam cigarros ou charutos, enquanto leem o periódico que acabam de trazer-lhe; depois de sujar o ambiente, deixa aos demais o cuidado de limpá-la.

Vai para o escritório ou aos negócios, dá um pesseio de carruagem, logo come geralmente carne de animais sagrificados, de bovinos, de aves, de pescados; depois vem a comida, também muito substanciosa: dois ou três pratos para os mais parcos, as sobremesas, o café; depois as cartas, a múscia, o teatro, a leitura ou a conversação, afundados em poltronas de mola, à luz viva ou fraca das velas, de gás, ou de eletricidade; outra vez chá, outra vez comida, isto é, o jantar, e de novo a cama, bem feita, aquecida, com lençóis limpos e o penico reluzende. Tal é a jornada do homem que leva uma vida arranjada e de quem se diz, se tem um caráter suave, que possui hábitos de ordem e que é homem de bons costumes.

Mas a vida moral é a do homem que cuida de seu próximo; e como um homem acostumado a tal existência pode cuidar daquele? Antes de pensar no bem devo deixar de fazer o mal, e, entretanto, contando todo o mal que faz aos homens às vezes inadvertidamente, verá que está longe de alcançar seu objetivo.

Seria melhor para ele, física e moralmente, deitar-se no chão, envolto em seu manto como Marco Aurélio. Quanto trabalho e cuidados evitaria assim aos que o rodeam! Poderia deitar e levantar mais depressa, e não teria que pensar nem na luz de noite, nem nas cortinas pela manhã. Poderia dormir com a mesma camisa que vestia durante o dia, andar descalço pelos cômodos e pelo pátio, lavar-se com a pagua do poço, viver, numa palavra, como vivem todos seus criados. Conhece, no entanto, quanto trabalho lhes custa a eles as diversas ocupações que sua comodidade exige. Como, pois, semelhante homem pode fazer algo bom, sem abandonar sua vida de luxo?

Não posso deixar de repetir sempre o mesmo, apesar do silêncio frio e hostil com que se acolhem minhas palavras.

Um homem moral que goza de todas as comodidades, e basta o homem da classe média – excessão feita ao homem rico que gasta para seus caprichos centenas de jornadas de trabalho a cada vinte e quatro horas -, não pode viver tranquilo sabendo que tudo aquilo de que usufrui é fruto do trabalho de gerações trabalhadoras, oprimidas sob o peso de uma existência esmagadora e que morrem ignorantes entregados à embriaguez e à libertinagem, meio selvagens, nas minas, nas fábricas, nas oficinas, ao pé do arado, produzindo os objetos que servem para o homem de condição superior. Eu, que escrevo isso, e vocês que me lerão, temos uma alimentação suficiente, com frequência abundante, delicada, ar puro, roupas de inverno e de verão, toda classe de distrações, diversões durante o dia, e repouso completo à noite. E junto a nós vive o povo trabalhador que não tem alimentação nem habitação sadia, nem roupas suficientes, nem distrações, e que, muito frequentemente, não goza sequer do descanso, durante a noite; velhos, crianças, mulheres, esgotados pelo trabalho, pelas noites sem sonho, pelas doenças, veem-se obrigados a trabalhar durante sua vida inteira para nós, a produzir os objetos de luxo que eles não irão possuir, e que para nós constituem não uma necessidade, mas algo supérfluo.

Eis aqui por quê um homem bom, e não digo um cristão, mas um amigo da humanidade ou simplesmente da justiça, não pode pelo menos desejar mudar sua vida, e deixar de servir-se dos objetos de luxo produzidos pelos trabalhadores em tais condições.

Se o homem sente realmente piedade por aqueles de seus semelhantes que produzem o tabaco, o primeiro que deve fazer é deixar de fumar, pois, persistindo em seu vício, obriga à produção do tabaco e compromete sua saúde.

O mesmo pode ser dito de todos os objetos de luxo. Se o homem não pode abster-se de comer pão, apesar do penoso trabalho que este lhe custa, é porque, enquanto não mudarem as condições em que trabalha, não pode conquistá-lo sem grande esforço. Mas, quando se trata de coisas inúteis e supérfluas, se sente pena do próximo que produz tais objetos, o melhor que pode fazer é renunciar a eles.

Mas os homens do nosso tempo não pensam assim; alegam toda classe de argumentos, menos o que naturalmente lhe ocorre a todo homem simples. Segundo eles, é absolutamente inútil abster-se de tal luxo, e se pode compadecer do estado dos trabalhadores, pronunciar discursos e escrever livros em seu favor, e continuar ao mesmo tempo aproveitando o trabalho que consideramos prejudicial para eles.

Há pessoas que dizem que se pode aproveitar o trabalho esmagador dos trabalhadores, porque se eles não se servirem dele, outros se servirão. Isso equivale a dizer que devo beber até o vinho adulterado, porque, se um não o bebe, outros o beberam.

Há quem diz que o desfrute do luxo produzido pelos trabalhadores é muito útil a estes mesmo, porque assim lhes damos dinheiro, isto é, a possibilidade de viver. Como se não pudessem procurar esta possibilidade de outro modo que produzindo objetos prejudiciais para eles e inúteis para nós!

Segundo outros, todo ofício que um homem desempenhe, empregado, sacerdote, lavrador, fabricante, comerciante, é, em virtude da divisão do trabalho, tão útil, que resgata todas as penas dos trabalhadores de que se aproveitam esses pretendidos economistas.

Um está a serviço do Estado; outro, ao da Igreja; o terceiro, ao da ciência; o quarto, ao da arte; o quinto serve ao servidor do Estado, da Igreja, da arte e todos estão convencidos de que o que dão aos homens equivale aos que deles tomam.

Entretanto, se se escuta a opinião de tais pessoas acerca de suas virtudes recíprocas, se ve que todos estão longe de valer o que consomem. Dizem os empregados que o trabalho dos proprietários não estpa em relação com o que gastam; os proprietários dizem o mesmo do negociante; este do empregado, etc., mas isso não os desconcerta, e continuam persuadindo aos demais de que cada qual aproveita o trabalho alheio na medida do que o mesmo dá. Segue daí que não é o trabalho o que regulamenta os salários, mas que, segundo os salários, se mede o trabalho. Eis aqui o que pretendem, mas no fundo sabem perfeitamente que tais justificações não são verdadeiras, que nenhum deles é verdadeiramente útil aos trabalhadores, e que não se aproveitam do trabalho destes segundo o princípio da divisão do trabalho, mas simplesmente porque não podem agir de outro modo, e porque estão de tal modo pervertidos, que não podem renunciar a esse princípio.

Tudo isso provem de que os homens creem que se pode levar uma vida moral sem haver adquirido progressivamente as faculdades necessárias para levar tal existência.

A primeira destas faculdades é a abstinência.

VIII

Sem a abstinência, não há vida moral possível. Para alcançar uma vida mora, deve possuir-se tal virtude.

Se, na doutrina cristã, a abstinência é compreendida na noção da abnegação, não por isso a progressão varia, e nenhuma virtude cristã é possível, sem a abstinência.

Mas essa virtude nunca se alcança de repente; é preciso uma progressão.

A abstinência significa a liberação do homem da luxúria e sua submissão à prudência; o homem tem numerosas paixões, e para lutar com vantagem, deve começar pelas fundamentais, por aquelas que engendram outras mais complicadas, e não começar por estas últimas, que apenas são a consequência das primeiras.

Há paixões complicadas como as do luxo das mulheres, o jogo, os prazeres, o charlatanismo, a curiosidade, e há outras fundamentais: a gula, a ociosidade, a luxúria.

Na luta contra as paixões não há que começar pelo fim, isto é, contra as paixões complicadas, deve-se começar pelas que dão origem às outras, e ainda assim, em gradação definida pela natureza mesma dessas paixões e pela tradição da sabedoria.

O homem guloso é incapaz de lutar contra a preguiça, e o ocioso e guloso a um tempo não poderá jamais lutar contra a paixão pela mulher. Eis aqui por que, segundo todas as doutrinas, a tendência à abstinência começa pela luta contra a gula, começar pelo jejum.

Em nossa sociedade, a primeira virtude, a abstinência, está em absoluto esquecida e também se desconhece a progressão necessária para adquirir tal virtude; ninguém se importa com o jejum; é considerado como uma superstição estúpida e absolutamente inútil.

E, no entanto, assim como a primeira condição de uma vida moral é a abstinência, a primeira condição da abstinência é o jejum.

Pode-se desejar ser bom e sonhar com praticar o bem sem jejuar; mas em realidade, isso é tão impossível como andar sem estar em pé.

A gula, pelo contrário, é o primeiro indício de uma vida licenciosa, e desgraçadamente, tal indício distingue a maioria dos homens de nosso tempo.

Veja os rostos e os corpos dos homens de nossa sociedade; todos esses rostos com as barbas e as bochechas pendentes, esses membros doentes e gordos e o abdome proeminente, falam de uma vida licenciosa. Como poderia ser de outro modo? Pergunte qual é o móvel principal de sua vida? Por muito estranho que isso os pareça o principal móvel da maioria dos homens de nossa sociedade é a satisfação do paladar, a satisfação de comer, a voracidade. Desde os mais pobres aos mais ricos, a voracidade constitui o objetivo principal da existência. O povo trabalhador apenas constitui a exceção, na medida em que a necessidade lhe impede

entregar-se a uma paixão tão baixa. Tão logo tem meios e tempo, imitando o que fazem as classes altas, se proporciona os manjares mais agradáveis, e como e bebe quanto pode.

Quanto mais pode comer, mais feliz se crê, e mais forte e mais saudável. As classes altas lhe confirmam em tal convicção, posto que assim consideram uma alimentação abundante.

Veja a vida dos ricos; escute suas conversas. Que assuntos tão elevados lhes interessam! A filosofia, a ciência, a arte e a poesia, a distribuição da riqueza, o bem-estar do povo, a educação da juventude; mas, na realidade, tudo é vão palavreado. Falam disso de passagem, entre suas verdadeiras ocupações e as comidas, quando têm o estômago cheio e já não podem comer mais. O único, o verdadeiro interesse dos homens e das mulheres, sobretudo, desde que acaba sua juventude, é a comida. Como comer? O que comer? Quando? Onde? Não há uma solenidade, uma alegria nem uma inauguração que não se celebre com a festa.

Veja os viajantes. Neles se vê melhor o que digo. “Museus, bibliotecas, Parlamentos, que interessante é isso! E onde comeremos? Onde se come melhor?” Olhe os homens quando se reúnem para comer, e os verá bem vestidos, perfumados, em torno de uma mesa adornada com flores. Com que alegria esfregam as mãos e sorriem!

Se o fundo da alma fosse examinado para saber o que desejava a maioria dos homens, se veria que é a satisfação de seu apetite. Em que consiste o castigo mais cruel, desde a infância? É ser condenado a pão e água! Qual é o criado melhor remunerado? O cozinheiro!

Qual é o principal cuidado de uma dona de casa? De que se fala na maioria das vezes entre mulheres de classe média? E se as conversas da alta sociedade não são de igual índole, se deve a que seus indivíduos têm um mordomo que cuida exclusivamente da comida. Mas trate de privar-lhes de tal comodidade, e verá de que falarão continuamente. Somente falarão da alimentação, do preço das galinhas, do melhor modo de fazer café, bolos e doces. Seja qual for o motivo com que se reúnam os homens, casamento, batizado, enterro, consagração de um templo, recepção de um viajante, encontro agradável, apresentação da bandeira, festa de aniversário, morte ou nascimento de um grande sábio, de um pensador, de um moralista, dir-se-ia que os interesses mais elevados de que falam não são senão um pretexto, porque todos sabem que se comerá bem, que se beberá, e que para isso se reuniram.

Muitos dias antes desta festa, sacrificam-se aves e outros animais; se trazem cestos de alimentos, e os cozinheiros, os ajudantes, as lavadeiras, com seus aventais brancos, “trabalham” atarefados. Os cozinheiros, que cobram quinhentos rublos por mês, dão ordens; e seus ajudantes trincam, amassam, lavam, dispões e adornam. Os mordomos, com ar solene, calculam e examinam tudo, como verdadeiros artistas. O jardineiro prepara as flores, as criadas a louça...; todo um exército de criados trabalha; se gasta o produto de milhares jornadas de trabalho, para celebrar a memória de um grande homem ou de um amigo falecido, ou para festejar a união de dois jovens.

Nas classes média ou baixa ocorre o mesmo. A gula usurpa de tal modo o lugar do verdadeiro objetivo da reunião, que em grego e em francês, uma mesma palavra, “noce”,

serve para designar a um tempo o matrimônio e a folia. Mas, pelo menos, entre os trabalhadores, não se trata de dissimular tal sentimento. Os ricos, ao contrário, consideram tais banquetes como uma satisfação dada ao uso e às conveniências. Dizem que os aborrecem tais comidas: mas se tratar de dar-lhes, em vez de ensopados esquisitos, algo mais simples, cozido, por exemplo, verá que confusão armam; o que demonstra que, na realidade, só pensam na gula.

A satisfação de uma necessidade tem limites, o prazer não. Para satisfazer o estômago, basta comer pão, sopas ou arroz; enquanto que para contentar a gula, não existe limite para os molhos e outros ingredientes.

O pão é um alimento necessário e suficiente; e a prova está em que milhões de homens fortes, leves, saudáveis, e que trabalham muito, vivem apenas de pão.

Mas é melhor comer pão junto com outros alimentos. É melhor molhá-lo em caldo de carne; é preferível também pôr neste caldo diferentes legumes; e ainda melhor, comer carne, e não cozida, mas assada, com manteiga e mostarda, e apreciar tudo isso com vinho tinto. Já não se tem mais fome; mas todavia pode-se comer peixe com molho, e beber, para acompanhá-lo, vinho branco. Quando parece que já não se pode comer, nem mais gorduras, nem mais carnes, se açude então às sobremesas. No verão, gelo; no inverno, compotas, geleias, etc., etc. Eis aqui uma comida modesta. O gosto que proporciona esta comida pode ser aumentado todavia, e isso é o que ocorre. Tomam-se aperitivos e canapés, e é apresentada toda classe de ensopados agradáveis, e para presentear a vista e os ouvidos, flores, enfeites, música.

E coisa singular! Os homens que comem assim diariamente, e ante cuja comida, o festim de Baltasar que provocou a cólera divina só se compunha de sobras, estão candidamente persuadidos de que podem, apesar disso, levar uma existência moral.

IX

O jejum é uma condição necessária de uma vida moral; mas no jejum, como na abstinência, não se sabe por onde começar. Como se jejua? O que se deve comer? Que intervalo deve deixar-se entre as refeições? Assim como não se pode trabalhar sem método de um modo sério, de igual maneira não se pode jejuar sem saber por onde há de começar a abstinência. A ideia de jejuar com método parece estúpida e ridícula à maioria.

Recordo com que orgulho me dizia um evangelista opositor ao ascetismo monástico: "Vosso cristianismo não reside no jejum e nas privações, mas nas carnes; geralmente, o cristianismo e a virtude se harmonizam com a carne".

Durante as trevas prolongadas, e em ausência de todo guia pagão ou cristão, penetraram na nossa existência tantas noções selvagens e imorais, que não é difícil compreender a insolência e a loucura que encerra a afirmação que acabo de citar.

Se não nos inspira horror tal afirmação, é porque olhamos sem ver e escutamos sem ouvir. Não há odor, por mais asqueroso que seja, a que o homem não se acostume. Não há ruído a que não se habitue, nem sacanagem que não olhe com indiferença. De maneira que não se fixa naquilo que admiraria a um homem não acostumado a tais coisas. O mesmo ocorre na esfera moral.

Visitei há pouco os matadouros de Tula. Estão construídos segundo um novo modelo aperfeiçoado, como nas grandes cidades, de modo que os animais mortos sofram o menos possível.

Faz muito tempo já que lendo o excelente livro "Ethics of Diet", sentia desejos de visitar os matadouros, para assegurar-me por mim mesmo da essência do problema de que se fala quando se trata do vegetarianismo; mas me ocorria algo parecido a o que se nota quando se sabe que se vai experimentar um sofrimento agudo que ninguém pode impedir. Adiava sempre minha visita.

Mas recentemente encontrei no caminho um abatedor que ia a Tula. Era um trabalhador pouco hábil e sua tarefa consistia em amarrar os animais. Perguntei-lhe se não lhe davam pena os bovinos.

-O que obteria com isso? De qualquer forma, tenho que matá-los.

Mas quando lhe disse que não é necessário comer carne, a qual constitui um alimento de luxo, concordou comigo que verdadeiramente era de sentir.

-Mas o que fazer? É preciso ganhar a vida. Antes, *temia* matar: meu pai não matou jamais nem uma galinha.

De fato, à maioria dos russos lhes repugna matar, sentem piedade, e expressam tal sentimento pela palavra "temor". Ele também temia, mas deixou de temer, e me explicou que a sexta-feira era o dia de mais trabalho.

Tive recentemente uma conversa com um soldado, açougueiro, que também se admirou ao dizer-lhe eu que era uma lástima matar. Contestou-me que é um costume necessário; mas finalmente, concordou que dá pena, e acrescentou:

-Sobretudo quando o boi se encontra resignado e manso, quando vai ao abate com toda confiança. Sim, inspira muita piedade.

É horrível! Horríveis são, de fato, não os sofrimentos e a morte dos bovinos, mas o fato de que o homem, sem nenhuma necessidade, cale seu sentimento elevado de simpatia a seres vivos como ele, e seja cruel vencendo sua repugnância. Quão profunda é no coração do homem a proibição de matar a um ser vivo!

Um dia voltávamos de Moscou, uns coletores que iam ao bosque nos levaram em seus carros. Era a quinta-feira santa; eu estava sentado na frente do carro, junto ao carroceiro, que era robusto, corado, grosseiro: evidentemente era um lavrador aficionado à bebida. Entramos numa aldeia, e vimos, com perdão seja dito, um porco engordado, branco rosado, que pegavam se uma casa para matá-lo. Gritava de um modo desesperado, com gritos que pareciam humanos: no momento preciso que passávamos por ali, começavam a degolar-lhe. Um homem lhe cravou a faca na garganta. Os grunhidos do porco foram mais fortes e agudos; o animal se escapou escorrendo sangue. Sou míope, e não vi todos os detalhes da cena: vi unicamente um corpo rosado como o de um homem e ouvi os grunhidos desesperados. O carroceiro observava tudo aquilo sem afastar a vista. Pegaram de volta o porco, o derrubaram e o submeteram. Quando cessaram seus gritos, o carroceiro lançou um profundo suspiro:

-Como pode Deus permitir isso?

Tal exclamação demonstra o profundo asco que inspira ao homem a matança. Mas o exemplo, o costume da voracidade, a afirmação de que Deus admite tais coisas, fazem que os homens percam por completa esse sentimento natural.

Era uma sexta-feira. Fui a Tula, e encontrando um amigo meu, homem bom e sensível, lhe roguei que me acompanhasse ao matadouro.

-Sim, ouvi dizer que está muito bem instalado e gostaria muito de vê-lo; mas se matam não irei.

-E por que não? Precisamente isso é o que quero ver; já que se come carne, é preciso ver como se matam os bois.

-Não, não posso.

É de notar que meu amigo é caçador, e que portanto mata também.

Chegamos. Apenas na porta, sentia-se um odor forte, repugnante, de putrefação como o da cola de carpinteiro.

Quanto mais avançamos, mais cresce tal odor. O edifício é de tijolo vermelho muito grande, com cúpulas e altas chaminés. Entramos pela porta da garagem. À direita há um grande pátio cercado, que tem uma área de um quarto de hectare. Ali é onde, duas vezes por

semana, amontoam o gado vendido. No extremo deste pátio, está a portaria: à esquerda, dois prédios com portas ogivais; o pavimento é de asfalto, formando duplo declive, e ali há aparatos para pendurar os bois mortos.

Junto à portaria, estavam sentados num banco seis abatedores, que levavam os aventais manchados de sangue, com as mangas também sanguinolentas, arregaçadas, mostrando seus braços musculosos. Haviam terminado já seu trabalho meia hora antes, de modo que aquele dia só pudemos ver o prédio vazia. Apesar das portas abertas, sentia-se um odor enjoativo de sangue quente; o pavimento era escuro, reluzente, em nas valas havia sangue coagulado.

Um dos abatedores nos explicou de que modo se mata, e nos mostrou o lugar em que acontece tal operação. Não a compreendi de todo, e me formei uma ideia falsa, mas terrível do abate; pensava, como ocorre frequentemente, que a realidade me causaria menos impressão que o imaginado, mas estava errado.

Outra vez cheguei ao matadouro à boa hora. Era a sexta-feira anterior à Páscoa de Pentecostes, num dia quente de junho; o odor de sangue era ainda mais forte que da outra vez e se trabalhava duramente; o grande pátio estava cheio de gado e havia muitos bois também nos galpões contíguos ao prédio central.

Na rua havia carretas carregadas de bois, vacas e bezerros.

Em outros carros, puxados por bons cavalos, viam-se bezerros vivos empilhados, com as patas para cima. Estes carros se aproximavam do matadouro e se descarregavam.

Havia ainda outros carros com bois mortos cujas patas se moviam ao compasso das sacudidas que dava o veículo, mostrando suas cabeças inertes, os pulmões vermelhos, e o fígado marrom; todos saíam do matadouro. Junto à cerca havia cavalos montados, pertencentes aos fazendeiros. Estes, com suas longas blusas e de chicote na mão, iam e vinham pelo pátio, ou marcavam com alcatrão o gado que lhes pertencia; negociavam o preço e vigiavam o transporte do gado desde o pátio ao galpão, e desde este ao prédio.

Toda aquela gente parecia preocupada por seus negócios e ninguém se importava em saber se era uma boa ou má ação matar aqueles bois; tanto pensavam nisso, como se importavam com a composição química do sangue que corria pelo chão.

Não havia nenhum abatedor no pátio. Todos trabalhavam. Aquele dia foram mortos uns cem bois.

Entrei no prédio central e me detive junto à porta; detive-me, porque no interior não era possível entrar, por causa do gado que ali se amontoava, e porque o sangue gotejava to teto, espirrando nos abatedores. Se houvesse entrado, também mancharia a roupa.

Uns homens derrubavam um boi, outros faziam deslizam outro numa pista e havia um boi morto, com as patas brancas, que era esfolado por um abatedor.

Pela porta oposta à que eu estava faziam passar ao mesmo tempo um boi vermelho e gordo. O arrastavam. Apenas havia atingido o limiar, quando um dos abatedores, armado com

um machado de larga mão, lhe feriu no pescoço. Como si a um tempo lhe houvessem cortado as quatro patas, o boi caiu pesadamente no chão, voltou-se de lado e moveu convulsivamente as patas e a cauda. Então um abatedor se pôs sobre ele, lhe pegou pelos chifres, fez que a cabeça de baixasse até o chão, e outro abatedor lhe degolou. Pela ferida aberta, o sangue, de um vermelho escuro, brotava como de uma fonte, e um menino sujo de sangue o recolhia numa bacia de metal. Entretanto, o boi não cessava de mover e sacudir a cabeça e agitar convulsivamente as patas.

A bacia se enchia rapidamente, mas o boi vivia ainda e continuava golpeando o ar com os cascos, o que obrigava os açougueiros a afastar-se. Tão logo a bacia estava cheia, o rapaz o colocou na cabeça e o levou à fabrica de albumina, enquanto outro menino trazia outra bacia que se enchia a sua vez.

O boi continuava esperneando desesperadamente. Quando cessou de correr o sangue, o açougueiro levantou a cabeça do boi, e começou a esfolá-lo; o animal ainda se movia. Tinha a cabeça já esfolada, vermelha, com as veias brancas, e tomava a posição de lhe davam os abatedores. Pendia a pele a ambos os lados, e o boi não cessava de mover-se. Outro açougueiro pegou então o boi por uma pata, a quebrou e a cortou: o ventre e as outras pernas estremeciam ainda convulsivamente; depois, lhe cortaram os membros restantes e os lançaram num monte com as pernas dos outros bois do mesmo pecuarista. Logo arrastaram o boi à polia e o penduraram. Então unicamente foi que o boi não deu sinal de vida. De igual maneira vi matar desde a porta três outros bois. A todos lhe fizeram a mesma operação; a todos lhes cortaram a cabeça, cuja língua pendia entre os dentes; a diferença consistia em que às vezes o abatedor não acertava o golpe; o boi resistia, mugia e, jorrando sangue, tratava de escapar das mãos dos açougueiros. Então lhe arrastavam ao centro do prédio, lhe golpeavam de novo e caía.

Dei a volta, e me aproximei à porta oposta e vi repetir a mesma operação, mas mais de perto e com maior claridade. Vi sobre tudo o que não havia podido ver da outra porta: de que maneira se obrigava os animais a entrar. Cada vez que pegavam um boi do galpão e o arrastavam por meio de uma corda amarrada aos chifres, o animal, farejando o sangue, resistia, mugia e retrocedia; dois homens não puderam arrastá-lo à força; e eis aqui por que, então, um dos abatedores se aproximava, pegava o boi pelo rabo, o torcia e lhe rompia uma vértebra; o animal avançava temeroso. Quando acabaram de matar os bois de um pecuarista, começaram com os de outro.

O primeiro animal deste novo rebanho era um touro bonito, robusto, de cor clara com manchas e extremidades negras; um animal jovem, musculoso, enérgico. Tiraram a corda, baixou a cabeça e se deteve com decisão; mas o abatedor marchava atrás, e como um ferreiro que pega o cabo de um fole, pegou a cauda, a torceu; rangeram as vértebras, o touro arremeteu contra os que prendiam a corda, jogando-os ao chão, e se deteve de novo olhando a ambos os lados com seus olhos negros cheios de fogo; de novo rangeu a cauda, o touro avançou, e então chegou aonde se queria; o abatedor se aproximou, apontou e golpeou; o golpe mal dirigido não fez cair o boi, que agitou com força a cabeça, mugiu, e sangrento e furioso se soltou e reclinou-se. Todos que estavam junto à porta fugiram; mas os abatedores, acostumados ao perigo, se apoderaram rapidamente da corda, de novo romperam a cauda e

outra vez o touro se encontrou no prédio, no lugar requerido. Já não pôde escapar. O abatedor apontou rapidamente, encontrou o ponto que queria, golpeou, e o belo animal, cheio de vida, caiu movendo a cabeça e as pernas enquanto lhe degolavam e esfolavam.

-Maldito diabo! Não caiu onde era preciso – murmurou o abatedor, cortando-lhe a pele da cabeça.

Cinco minutos depois, a cabeça negra era vermelha, e aqueles olhos, que brilhavam com tanta força cinco minutos antes, apareciam vítreos e apagados.

Logo fui ao lugar onde matam as ovelhas. Era um grande prédio com pavimento asfaltado, e mesas com apoios, sobre as quais se degola as ovelhas e os bezerros. Naquele bloco impregnado de odor de sangue, havia acabado o trabalho, e unicamente estavam dois abatedores. Um deles soprava a perna de uma ovelha morta e esfregava com a mão o ventre inchado do animal; o outro, que era moço e levava o avental cheio de sangue, fumava um cigarro. Seguiu-me um homem que parecia um antigo soldado. Levava um cordeiro de um dia, preto, com uma mancha no pescoço e as patas amarradas, e o pôs sobre a mesa.

O soldado, que se sabia que havia ido muitas vezes àquele lugar, deu bom-dia e iniciou uma conversa explicando que tinha que pedir licença a seu amo. O moço do cigarro se aproximou empunhando uma faca, e respondeu que lhes davam licença nos dias de festa. O cordeiro vivo estava tão imóvel como a ovelha morta e inchada com a diferença que agitava vivamente a pequena cauda e suas laterais se moviam mais rapidamente que de costume. O soldado, sem fazer nenhum esforço, apoiou a cabeça do pequeno animal na mesa, e o abatedor, sem parar de falar, segurou com a mão esquerda a cabeça do cordeiro, e lhe cortou o pescoço. A vítima agitou-se, a causa ficou rígida, e cessou de mover-se. O açougueiro, enquanto brotava o sangue, acendeu de novo o cigarro. Quando acabava de sangrar, o cordeiro se agitou de novo, e a conversa continuou sem interromper-se um só instante.

E as galinhas e os frangos, que por milhares se sacrificam diariamente nas cozinhas, e que com as cabeças cortadas, jorrando sangue, se estremecem e batem as asas de uma maneira tão cômica como terrível!

E, no entanto, a Senhora de coração sensível come essa ave com a completa segurança de seu direito, afirmando duas opiniões que se contradizem: a primeira, que está tão delicada, segundo lhe informou seu médico, que não poderia suportar uma alimentação exclusivamente vegetal, e que a seu débil organismo a carne faz falta; em seguida, que é tão sensível, que não pode fazer sofrer aos animais, nem suportar a visão dos seus sofrimentos.

Na realidade, esta pobre senhora está fraca porque a acostumaram a nutri-se de alimentos contrários à natureza humana; e não pôde deixar de fazer sofre os animais pela simples razão de que os come.

X

Não se pode fingir ignorância, porque não somos avestruzes; não podemos crer que, se não olharmos, não acontecerá o que não queremos ver. Mais impossível é ainda não quere ver o que comemos.

Se pelo menos fosse necessário, ou sequer útil; mas não! , para nada serve[1], a não ser para desenvolver os sentimentos bestiais, a luxuria, a gula, a embriaguez.

Isso está confirmado pelo fato de que os jovens bons e puros, sobretudo, as mulheres e as jovens compreendem, de um modo instintivo, que a virtude não se harmoniza com a carne, e assim, quando querem ser bons, abandonam o alimento animal.

O que quero provar? Acaso que os homens, para ser bons, devem parar de comer carne? Não.

Quero somente demonstrar que, para conseguir levar uma vida moral, é indispensável adquirir *progressivamente* as qualidades necessárias, e que de todas as virtudes, a que primeiro há que conquistas é a sobriedade, a vontade de dominar as paixões. Tendendo à abstinência, o homem seguirá, necessariamente, certa ordem bem definida, e em tal ordem, a primeira virtude será a sobriedade na alimentação, o jejum relativo.

Busca-se seria e sinceramente o caminho moral, a primeira coisa que o homem deve fazer é privar-se de comer carne; pois, além de que excita as paixões, seu uso é imoral, porque exige uma ação contrária ao sentimento da moralidade – o assassinato – que provocam a gula e a voracidade.

Por que a privação da carne há de ser a primeira etapa para a vida moral?

A isso se responde perfeitamente no livro “The ethics of Diet”, não por um só homem, mas por toda a humanidade, na pessoa de seus melhores representantes desde que a humanidade alcançou a idade da razão.

“Mas, por que se a imoralidade de uma alimentação animal foi conhecida desde tanto tempo, não se chegou até agora a ter consciência dessa lei?” perguntarão aqueles que julgam antes pela opinião atual que por sua própria razão. A resposta é que o movimento moralizador que constitui a base de todo progresso se cumpre sempre lentamente, e que o indício de todo movimento reside no seu caráter de perpetuidade e constante aceleração.

Tal é o movimento vegetariano; este movimento está expresso tão bem por todos os escritos que se incluem no livro citado como pela existência da própria humanidade, a qual

[1] Aqueles que o duvidam, leiam os numerosos livros escritos por médicos e sábios, onde se prova que a carne não é necessária como alimento. Não se ouça aos médicos antigos que preconizam o uso da carne, porque a preconizaram seus antecessores; unicamente o fazem por teimosia, como se defende tudo que é velho e fora de moda.

tende mais e mais, sem que sequer o perceba, a passar da alimentação animal ao regime vegetal e este movimento se manifesta com uma força particular e consciente no vegetarianismo, que adquire cada vez maior extensão.

Cada vez há mais homens que renunciam ao consumo de carne na Alemanha, na Inglaterra e na América, e a cada ano aumenta nesses países o número de hotéis e pousadas vegetarianas.

Este movimento deve alegrar aos homens que tratam de realizar o reino de Deus na terra, não porque o vegetarianismo seja por si mesmo um passo para esse reino, mas porque é o indício de que a tendência à perfeição moral do homem é séria e sincera, já que esta tendência implica uma ordem invariável que lhe é própria e que começa pela primeira etapa.

Há que alegrar-se por isso, e esta alegria é compatível à que devem experimentar os homens que, querendo alcançar o andar mais alto de um edifício, pensaram primeiramente em escalar a parede e perceberam, por fim, que o meio mais simples é começar pelo primeiro degrau da escada.

Traduzido do espanhol. Texto original disponível em:

http://archive.org/details/ElPrimerPaso-LeonTolstoi

Acesso em 13/11/2012